

The Story of G.I. Joe / 1945
Também Somos Seres Humanos

um filme de William A. Wellman

Realização: William A. Wellman *Argumento:* Leopold Atlas, Guy Endore, Philip Stevenson e John Huston, Ernie Pyle, William A. Wellman (*não creditados*), baseado em *Here Is Your War* (1943) e *Brave Men* (1944) de Ernie Pyle *Fotografia* (35 mm, preto-e-branco): Russell Metty *Som* (Western Electric): Frank McWhorter *Montagem:* Otto Lovering, Albrecht Joseph *Direcção artística:* James Sullivan *Cenografia:* Edward G. Boyle *Characterização:* Bud Westmore *Pesquisa:* Paige Cavanaugh *Consultor técnico de material documental:* Joris Ivens *Música original:* Ann Ronell, Louis Applebaum, Louis Forbes *Assistente de Realização:* Robert Aldrich *Interpretação:* Burgess Meredith (Ernie Pyle), Robert Mitchum (Tenente Walker/Capitão Bill Walker), Freddie Steele (Sargento Warnicki), Wally Cassell (Soldado Dondaro), Jimmy Lloyd (Soldado Spencer), Jack Reilly (Soldado Murphy), Bill Murphy (Soldado Mew), Correspondentes de Guerra: Don Whitehead (AD), George Lah (INS), Chris Cunningham (UP), Hal Boyle (AP), Sargento Jack Folsie (Stars and Stripes), Bob Landry (Life), Lucien Hubbard (Reader's Digest), Clete Roberts (Blue Net), Robert Reuben (Reuters), Dorothy Coonan Wellman (enfermeira), combatentes veteranos das campanhas de África, Sicília e Itália.

Produção: Lester Cowan Productions, United Artists (EUA, 1945) *Produtor:* William A. Wellman *Produtor:* Lester Cowan para a United Artists *Produtor associado:* David Hall *Cópia:* DCP, preto-e-branco, versão original com legendas electrónicas em português *Duração:* 109 minutos *Estreia Mundial:* 5 de Outubro de 1945, Globe and Gotham Theatres, Nova Iorque *Estreia em Portugal:* 30 de Junho de 1947, Tivoli, Lisboa *Título na película:* **Ernie Pyle's Story of G.I. Joe** *Título alternativo (em alguns circuitos de distribuição):* **War Correspondent** *Primeira apresentação na Cinemateca:* 27 de Setembro de 1989 ("Jornalismo e Cinema").

Quão longe estamos dos heroísmos de **Objective, Burma!**. Afinal os soldados morrem quase sempre de forma inglória e o combate é menos épico do que uma rotina cansativa e mortal. O filme de Wellman não traz, a bem dizer, nada de novo, na forma de ver a guerra e os soldados. O que assombra no filme de Wellman é que dá uma imagem anti-romântica, e realista, do soldado ainda durante o conflito e não numa forma retrospectiva (mesmo que esse conflito já estivesse praticamente no fim, o que dava azo a um novo tipo de reflexão) e, de tal forma que se poderia dizer que estamos diante de um documentário captado durante as operações e as marchas. **The Story of G.I. Joe** representa, desta forma, o quarto vértice do quadrado que reúne no seu interior todo o cinema bélico que se fez durante a guerra, marcos de referência obrigatória, para resumir, as suas obras-primas. Os três restantes são (segundo um critério pessoal) **They Were Expendable** de Ford, **Objective, Burma!** de Walsh e **Air Force** de Hawks, formando dois pares que se opõem no ângulo como abordam o conflito.

The Story of G.I. Joe inspira-se na série de reportagens do correspondente de guerra Ernie Pyle, centradas mais à volta das figuras anónimas dos soldados do que das operações bélicas do que resulta aquela que é, talvez, a mais efectiva (e afectiva) homenagem ao soldado de infantaria. Desta abordagem resulta que nenhum deles se destaca em particular, formando um corpo único. Mesmo Mitchum parece apagar-se no meio dos seus homens, por quem vela cuidadosamente, mas sem os atributos de super-homem. Têm uma missão a cumprir e cumprem-na com eficácia, e a morte, quando surge, é inesperada, absurda, inglória. Repare-se na sequência siderante, como nunca me lembro de ter visto no cinema, da chegada dos cadáveres dos soldados transportados nos burros. Por isso a morte de Mitchum (elidida, de que vemos apenas a chegada do corpo e a homenagem dos soldados) é um dos momentos mais pungentes do cinema. Neste seu filme, Wellman capta primeiro o homem e só depois o acontecimento. A tomada de Monte Cassino é, deste ponto de vista, um prodígio de elipses. Quase tudo se localiza no interior do abrigo da trincheira, onde grupos de soldados exaustos, enlameados, vão dando lugar uns aos outros, revezando-se no combate. Thomas Pryor escreveu que quando os homens do Quinto Exército (de que aquele grupo faz parte), muitos dos quais participaram como figurantes, viram o filme em Itália, disseram: "*This is it!*" (o Departamento de Guerra cedeu cento e cinquenta veteranos da campanha de Itália para o filme, antes de embarcarem para o Pacífico. Quantos deles não terão lá encontrado destino semelhante ao do filme em que participaram?). Ernie Pyle, que era amigo de Wellman,

supervisionou a rodagem mas não teve a oportunidade de ver o produto final, por ter sido morto por um atirador japonês emboscado, em Okinawa, pouco antes da estreia.

Curiosamente, **The Story of G.I. Joe**, que é indiscutivelmente a obra-prima de Wellman (ele próprio afirmaria mais tarde que *“it’s the best picture I ever made in my whole life”*), não era um filme destinado à partida a este realizador. O primeiro que o produtor Lester Cowan escolheu foi John Huston, que então completava o seu documentário **The Battle of San Pietro**. Huston gostou da ideia e chegou a trabalhar no argumento, mas acabou por se afastar. Depois, a primeira reacção de Wellman quando Cowan o convidou para dirigir o filme, foi uma redundante negativa. Frank T. Thompson, na sua biografia de Wellman, dá-nos a sua saborosa resposta: *“Look, I am an old broken-down flyer. I hate the Goddamned infantry. I’m not interested.”* Foi só a instâncias de Pyle, numa visita que Wellman lhe fez a seu convite, que o levou a mudar de ideias.

Para a figura de Ernie Pyle o próprio jornalista escolheu Burgess Meredith que o retrata de forma lacónica e contida, mas também comovida pelo que testemunha. Pyle não se limitou a acompanhar à margem, a vida dos soldados. Participou dela, viveu a seu lado nos momentos de calma e de combate. Daí que as suas reportagens dessem um testemunho do drama, como poucas o conseguiram, e valeram ao autor o prémio Pulitzer. No fim de contas, considerando a sua participação e o seu trabalho jornalístico, que o fez perder a vida como muitos aqueles soldados que acompanhou, as palavras que em certa altura diz do filme, por intermédio de Meredith, podiam, muito bem, servir-lhe de epitáfio: *“As for those beneath the wooden crosses we can only murmur, thanks, pal, thanks.”*

Mas Pyle é, antes de mais, a testemunha sob cujos olhos vive o anónimo GI Joe, de que nos dá alguns dos mais pungentes retratos. Para além de Mitchum na figura do tenente Walker (papel que lhe valeu uma nomeação para o óscar, e faria dele vedeta), a que mais de destaca é a do sargento Warnicki, que em todos os momentos procura arranjar o gramofone que lhe permite ouvir a voz do filho gravada num disco. Mas um e outro, como já dissemos, são membros de um corpo formado por todo o grupo.

Se o filme, no seu todo, é uma obra admirável, alguns momentos destacam-se de forma peculiar. Desde logo, o combate na igreja siciliana, um prodígio de encenação e eficácia, com Walker e Warnicki desalojando os alemães, em que cada plano parece representar o esforço e o perigo que enfrentam. O casamento de um dos soldados com uma enfermeira (única e fugaz presença feminina no filme), subitamente interrompido por um bombardeamento inimigo. E, superando todas, e tudo o que o cinema de guerra nos deu, o final, com a chegada dos cadáveres nos burros e o transporte do corpo de Walker que acaba por ser deixado na estrada depois da homenagem muda dos seus homens. Nunca, no cinema bélico, os homens foram retratados desta maneira. No fim de contas, como refere Thompson no livro citado, a exclamação de Wellman de não querer nada com a *“Goddamned infantry”* era apenas *“smokescreen”*. Conhecia os homens e compreendia *“the quiet dignity and sense of purpose that is often called bravery”*. **The Story of G.I. Joe** é o filme desse conhecimento.

Manuel Cintra Ferreira